

Sair para as periferias para dar o que você é:

A santidade como missão.

Dr. Francesc Torralba

Universidade Ramon Llull (Barcelona)

1. À maneira de prólogo

Desejo, antes de tudo, agradecer ao Reitor-Mor pelo convite a participar ativamente neste evento salesiano. Por razões familiares, nutro uma grande estima pela obra de Dom Bosco. Meus cinco filhos formaram-se num centro educativo salesiano de Barcelona e um deles, um filho adotado, Valentín, com exigências educativas especiais, foi acompanhado com muita atenção pelos seus educadores sociais que contribuíram enormemente para o seu desenvolvimento integral.

Gratidão, portanto, é a primeira palavra que sai dos meus lábios.

Agradeço também pela possibilidade de novamente visitar a cidade de Turim, que tem um grande valor simbólico para toda a comunidade salesiana, pois aqui é o lugar em que Dom Bosco iniciou a sua atividade educativa e apostólica com os jovens das periferias. Visitei a cidade de Turim em duas ocasiões, participando do *Congresso Turim Espiritualidade*; para concluir, esta cidade atrai a minha atenção, de modo particular, pelas suas livrarias.

O tema que me convidam para expor é muito bonito. Desejo apresentá-lo à luz do Magistério do Papa Francisco. Tenho a honra de ser um dos consultores do Pontifício Conselho da Cultura e acompanho com atenção a concretização do seu magistério no mundo.

O pensamento do Papa Francisco sobre a santidade é vivo e dinâmico, pelo que qualquer descrição do mesmo deve ser interpretada em chave temporal. Não obstante, existem algumas linhas que configuram a sua *forma mentis* e nutrem o seu pensamento atual e, muito provavelmente, futuro. Ninguém pode antecipar o pensamento de um ser humano, muito menos eu pretendo fazê-lo nesta apresentação, mas é minha intenção identificar alguns elementos constantes, os pilares que sustentam a sua inteligente intuição e as suas expressões sociais e eclesiais.

Papa Francisco formula suas mensagens com uma linguagem clara e direta, sendo capaz de fazer-se entender por pessoas de condições muito diferentes. É escutado e estimado por um grande número de fiéis e, com o seu discurso, desperta também o interesse entre os ‘não crentes’, justamente pela habilidade de comunicar-se de modo claro e direto.

Sua vontade de chegar aos ‘não iniciados’, de sair da própria comunidade para aproximar-se dos que se encontram além dela, manifesta-se com clareza nos seus discursos. Seu desejo é alcançar e integrar e, no melhor dos casos, criar pontes de diálogo com os que não participam da mesma *cosmovisão* ou opção de vida. Isso é o que se espera de um Pontífice, que construa pontes e reúna e acolha diversas sensibilidades.

Centrarei a minha exposição em três ideias-chaves sobre a chamada à santidade: o valor do dom de si, a necessidade de sair de si mesmo e o imperativo de chegar às periferias do mundo. Grande parte dessas ideias têm como ponto principal de inspiração a Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate. Sobre a chamada à santidade no mundo atual*, do Papa Francisco.

2. O dom de si: caminho de santidade

O dom de si é a verdadeira estrada da santidade. O processo do dom de si exige a superação de uma sequência de barreiras invisíveis. Não se apresenta como um itinerário fácil, ao contrário, como uma escalada. Apesar de a teleologia do dom estar inscrita em cada ser, do mais ínfimo ao mais complexo da escala dos seres, o ser humano confronta-se com uma série de dificuldades para liberar o dom.

O caminho do dom de si que aqui propomos enfrenta, frontalmente, as propostas que se impõem no imaginário coletivo, no qual a felicidade é concebida como obtenção do prazer, ápice de um desejo, ou como conforto ou bem-estar material, mas dificilmente se relaciona com a prática do dom de si.

É necessário constatar que esses modos de conceber a felicidade humana provocam um verdadeiro mal-estar do espírito, porque quando alguém obtém um prazer que em teoria lhe dá felicidade e conforto, o que devia garantir-lhe a felicidade, experimenta um profundo vazio e percebe que a felicidade está em outro lugar.

Somos dom e fomos feitos para o dom. Foi-nos dada uma natureza e sentimos, pela vocação originária, a chamada a dar o que somos, mas essa chamada defronta-se com um obstáculo fundamental: o *ego*. O *ego* não é um dom, nem uma realidade tangível, nem sequer é algo que tenha uma entidade em si mesma. É uma tendência, um vetor, uma força que se opõe ao movimento do dom de si, como uma espécie de resistência fundamental, atávica, que impede o processo do dom gratuito.

Para aprofundar a noção do dom de si é fundamental evidenciar a perspectiva de Dom Bosco. São João Bosco utiliza o binômio ‘trabalho e temperança’ para iluminar a questão. Com a palavra *trabalho*, refere-se ao dom, ao exercício de dar-se, através da ação. Com a palavra *temperança* circunscreve a ascese interior, o exercício de transcendência do ego que exige, forçosamente, o ato de dar-se. Os dois elementos configuram-nos a Cristo (Art. 34 da *Carta de Identidade Carismática*).

Segundo Albert Einstein, a exigência de libertar-se do *ego* é uma mensagem comum e universal em todas as religiões e não exclusiva do cristianismo. O propósito de todas elas é libertar-se do *ego*, visto que só assim é possível superar a visão fragmentada e dualista da realidade; só assim é possível praticar a benevolência universal e a gratuidade, sentir realmente compaixão pelo outro, alargar os limites do próprio eu para ligar-se com a experiência fundamental do outro. A compaixão exige, como condição possível, o exercício

da libertação do *ego*, porque é impossível compartilhar o *com* da compaixão, se o *ego* não transcende o seu mundo e *simpatiza* com o destino do outro.

Diante da dinâmica egocêntrica própria do ser humano no seu pequeno e estreito mundo, há a dinâmica do amor, que o entusiasma e o abre aos outros, para dar o melhor de si. Escreve Søren Kierkegaard: *“O amor não busca o ‘seu’, porque no amor não há nem o meu nem o teu. Pois bem, meu e teu não são senão uma determinação relativa ao ‘próprio’; pelo que, se não há nem meu nem teu, não há nem sequer qualquer coisa de próprio; e não havendo nada de próprio é, sem dúvida, impossível buscar o ‘seu’”*.¹

A via da felicidade e da harmonia social transita, necessariamente, pela libertação do *ego*. Esta exigência transcende os universos religiosos e une, profundamente, todos os seres. Por isso, escreve o teólogo suíço Hans Urs von Balthasar: *“Qualquer pessoa que, mesmo fora do cristianismo, queira romper a sua estreiteza egoísta e fazer o bem pelo bem, recebe uma luz que lhe indica uma via que pode e deve seguir, luz que, ao mesmo tempo, lhe revela a verdade e uma vida mais dinâmica”*.²

A verdadeira espiritualidade é dom de si, é abertura que transcende a tendência egocêntrica, pedindo para discernir em todos os momentos aquilo que devemos fazer. Escreve o Papa Francisco: *“o discernimento não é uma autoanálise presuntuosa, uma introspeção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou a bem dos irmãos”* (GE 175).

3. Sair de si mesmo: caminho de santidade

‘Saída de si mesmo’ é uma das expressões mais utilizadas por Jorge Mario Bergoglio durante o seu magistério pontifício e que ele aplica a diversos âmbitos e realidades.

Exprime um movimento ou melhor ainda uma atitude diante da vida, um modo de ser e de estar no mundo. Consiste em descentrar-se, esquecer-se de si mesmo, do próprio mundo pessoal para abrir-se ao mundo do outro. Não significa, em nenhum caso, a negação da própria identidade, mas a superação da autorreferência e do narcisismo.

Sair de si mesmo é um duplo movimento, tanto do ponto de vista físico como no sentido espiritual do termo. Não significa apenas transferir-se para outro lugar, conhecer outra terra, dar ouvidos a uma nova geográfica, a uma nova linguagem, mas também ser capaz de submergir em outras categorias intelectuais, num outro universo linguístico e espiritual, penetrar, enfim, outro quadro de referência. Esse movimento é intrínseco ao espírito da missão.

Sair de si mesmo é, no sentido estrito da palavra, uma operação estática. *Êxtase*, no sentido mais genuíno do termo grego, evoca o movimento de saída para o exterior de si

¹ S. KIERKEGAARD, *Las obras del amor*, Sígueme, Salamanca, 2006, p. 320. La cursiva es del autor danés.

² H. U. VON BALTHASAR, *Teodramática*, t. 3, Encuentro, Madrid, 1993, p. 484.

mesmo, para a alteridade. Em chave espiritual, denota o encontro com a Realidade absoluta, com a Alteridade indissolúvel que o ser humano encontra no mais profundo da sua interioridade e que, em nenhum caso, se identifica com o seu eu.

Sobre este ponto, é pertinente neste contexto, trazer à mente a figura de São Francisco de Sales e recordar os artigos 27 e 28 da Carta de Identidade Carismática da Família Salesiana onde se explicita o tríplice sentido que ele atribui a essa expressão e a espiritualidade salesiana traduz como ‘espiritualidade do cotidiano’.

A filosofia de S. Agostinho evidencia que na parte mais íntima do ser humano habita o Cristo interior, mas só quem sai do seu próprio mundo e rompe o próprio casulo de ideias e referências, é capaz de experimentar esse encontro.

A pessoa sai de si mesma quando é capaz de adotar a ‘forma de recipiente’, com atitude acolhedora, e se deixa questionar, interpelar e instruir pela realidade que o rodeia. O cristão é chamado a sair de si mesmo, a negar o seu ego, como se proclama no Evangelho, e a doar-se ao próximo; também a Igreja é chamada a realizar esse movimento, a sair para fora de si mesma para irradiar Cristo no mundo com anseio missionário. O fechamento individual tem como consequência a pobreza espiritual e a claustrofobia existencial.

Dessa forma, a saída de si recorda uma dupla atitude. De um lado, denota a vontade de conhecer a alteridade, o que está além do seu eu e do seu mundo (sentimentos, pensamentos, lembranças, desejos profundos, problemas, ilusões), mas, de outro, refere-se à vontade de comunicar aquilo em que se crê sobre essa nova realidade. A saída de si não é uma atividade turística, não responde à mera curiosidade intelectual. Não se trata de sair de si mesmo porque se está cansado do que se é, cansado do próprio pântano e com a necessidade de viver novidades que encham de sentido a própria existência.

A saída de si tem outra finalidade: revelar aquilo que o indivíduo crê, irradiar Cristo no mundo, ser instrumento de pacificação, mas isso só é possível se o indivíduo tiver a audácia de sair do recinto que conhece, do território que domina e controla, e assume o risco de falir, de deixar-se ferir ou ser insultado.

De fato, a audácia é a virtude indispensável para realizar esse movimento e se opõe radicalmente à privação da vontade ou da força de espírito. O pusilânime teme tanto falir como anular-se ou ser ferido e prefere não sair do próprio mundo, dos próprios esquemas mentais. Vive numa pequena bolha intelectual, protegido, resguardado, mas não conhece a novidade radical de Deus, porque prefere manter-se na imagem cômoda de Deus que ele mesmo plasmou para si.

Escreve o Papa Francisco: *“Deus supera-nos infinitamente, é sempre uma surpresa e não somos nós que determinamos a circunstância histórica em que O encontramos, já que não dependem de nós o tempo, nem o lugar, nem a modalidade do encontro. Quem quer tudo claro e seguro, pretende dominar a transcendência de Deus”* (GE 41).

A audácia é a virtude que nos predispõe a assumir riscos, enfrentar o desconhecido, perscrutar os limites, ultrapassar as fronteiras. É a virtude que reconhecemos nos grandes espíritos missionários que, durante a história da Igreja, chegaram aos confins da terra, para

comunicar a mensagem de libertação de Cristo a todos os seres humanos. Para sair de si, tanto em nível individual como eclesial, é indispensável assumir riscos e estar disposto a errar e aprender dos erros cometidos.

Parece oportuno, neste momento, referir-nos à própria história de Dom Bosco e a sua ligação com a cidade de Turim. Este lugar onde nos encontramos, em pleno século XIX, era então justamente uma periferia da cidade de Turim. Dom Bosco sentiu-se chamado a viver entre os jovens mais pobres e abandonados, assumindo todos os riscos que isso supunha. Com esse passo audacioso deu origem a um novo estilo de presença, de relação, de proposta educativa e evangelizadora no mundo juvenil. Um carisma, este, presente hoje em muitos lugares do mundo.

Para sair de si mesmo é indispensável utilizar uma linguagem adequada. Só quando alguém é receptivo à linguagem empregada nas periferias, será capaz de comunicar convenientemente com os seres humanos que habitam aquelas ‘fronteiras’. Por isso, é essencial estar atento, ser receptivo, entender as categorias intelectuais utilizadas ali, para traduzir, num segundo momento, a própria mensagem numa linguagem que seja significativa. Essa tarefa é fundamental e foi uma constante na história das missões. De fato, muitos missionários foram pioneiros no estudo das línguas e da gramática dos povos cuja cultura era transmitida e, em muitos casos, continua a ser transmitida de modo oral.

A saída de si, portanto, além de audácia exige adequação. Adequar-se ao destinatário é indispensável para chegar até ele e comunicar-lhe algo que lhe seja significativo, que suscite alguma ressonância no seu interior. Ao sair de si, da própria linguagem e das próprias categorias, sente-se vertigem, fica-se frágil porque se duvida da própria tradução, se pergunta se o seu modo de comunicar a mensagem expressa com fidelidade o que se crê ou se foi alterado significativamente mediante o exercício da tradução.

O principal obstáculo para a saída de si, além da pusilanimidade, é o puritanismo, o temor de contaminar-se quando alguém abandona as próprias categorias intelectuais para chegar ao outro e comunicar uma mensagem que seja significativa. A rigidez intelectual, a falta de flexibilidade e o temor de perder-se na ambiguidade, tem como consequência final a repetição das mesmas coisas, com as mesmas categorias que podem ser úteis no próprio ambiente social e cultural, mas completamente irrelevantes e incompreensíveis nas periferias.

A ideia de sair de si relaciona-se estritamente com a *cultura do encontro* e com a noção do *diálogo*. De fato, o encontro interpessoal requer a saída de si da parte dos dois interlocutores. O encontro só acontece quando os dois saem do próprio mundo e se dispõem a revelar o que realmente sentem e pensam.

O diálogo requer uma alternância entre saída de si e receptividade. Só é possível responder às próprias inquietações e instaurar uma verdadeira comunicação dialógica se um acolhe a palavra do outro na própria interioridade. O emissor sai de si e comunica a mensagem, mas ela só pode ser acolhida se o receptor se esvazia de si e se dispõe a acolhê-la na sua interioridade. Esse ‘processo de alternância’ é intrínseco ao exercício do diálogo.

Sair de si, porém, para que? Para anunciar, para curar, para consolar, para ensinar. Isso significa sair pensando também na possibilidade de nem sempre ser bem recebido. Esse movimento é constantemente referido à história da Salvação.

Os personagens bíblicos saem do próprio contexto, da própria situação, obedecem à chamada de Deus que os interpela para o movimento de saída. É o caso paradoxal de Moisés. O Patriarca escuta a voz que o convida a sair com seu povo da terra do Egito.

O Êxodo do Povo de Israel é a primeira expressão dessa saída em busca da libertação de toda forma de opressão. A saída de si tem uma causa eficiente: a chamada de Deus. É Deus que chama a sair para as periferias, descentralizar-se, dedicar-se aos outros, abandonar as seguranças do próprio mundo para doar-se ao próximo.

Num plano estritamente teológico, a saída de si é uma operação que tem lugar na dimensão da própria divindade. Deus, ao criar o mundo, sai de si, faz emergir uma realidade do nada (*ex nihilo*) e, através dela, manifesta o seu ser; Deus, porém, não só cria, mas revela-se na história.

A revelação pode ser interpretada também nesta chave: Deus comunica a sua Palavra ao mundo, faz conhecer os seus desígnios divinos à humanidade, torna-se participante da sua verdade. Sai de si para elevar o homem ao plano divino, comunica-lhe o caminho da salvação.

O sair de si ou movimento estático de Deus não obedece a nenhuma necessidade ou carência do próprio Deus, porque contrariaria a sua natureza. É expressão do seu amor, fruto do seu amor, porque o amor é difusivo e comunicativo por si mesmo. Quem ama, doa-se, sai do próprio casulo para libertar o outro, para curar as suas feridas.

O ápice do movimento estático de Deus é a encarnação do Filho. Deus Pai envia o Filho ao mundo para doar-se totalmente à humanidade e salvá-la. A saída de si acaba na paixão e morte na cruz do Filho de Deus. Deus, ao sair de si mesmo, ao encarnar-se, assume a condição humana e tudo o que comporta a finitude, a limitação, a indignância e todas as suas manifestações como a dor, o cansaço, o desespero e a solidão; faz-se um de nós sem abandonar a sua natureza divina.

4. As periferias da existência e do mundo

Uma categoria estreitamente relacionada com a saída de si é a noção de *periferia*. O cristão é chamado a sair de si mesmo para ir às periferias. Periferia é o território que está além do limite do conhecido, situado nas fronteiras do mapa geográfico, longe do centro de gravidade. Sair de si para ir às periferias requer a audácia de adentrar por territórios perigosos nos quais não se sabe bem o que se pode encontrar.

Periferias do mundo é uma expressão que tem um sentido estritamente físico, geográfico. Com ela o Papa Francisco refere-se aos espaços e territórios do mundo nos quais se sofre, onde a dor e a indignação se manifestam com grande intensidade. Referimo-nos às zonas do planeta castigadas pelas guerras, pelos genocídios, onde se sofre a fome, a sede, as

ditaduras, os desastres ecológicos, a violência ou a droga com suas consequências dramáticas que atingem sobretudo os grupos mais vulneráveis da sociedade, entre os quais as crianças e os jovens.

Periferias da existência também é uma das expressões que teve ressonância no magistério do Papa Francisco. Não são lugares, nem mesmo territórios físicos. São etapas da existência, episódios de sofrimento, solidão e desespero que todo ser humano pode viver durante o curso da sua vida. Ninguém está isento, porque a fragilidade é intrínseca à pessoa humana.

A vida humana, como descrita pelo sumo pontífice, não é um *continuum*, nem mesmo algo que se possa prever completamente. Ao contrário. A novidade está sempre à espreita. Acontecem situações e episódios que o indivíduo não teria imaginado, vivem-se circunstâncias limites que põem em crise toda certeza e toda esperança. Sobrevém a doença, a crise de fé, a frustração no trabalho, a ingratidão, a dor, a traição e a infidelidade.

O cristão – também vocês, membros da Família Salesiana, pela sua própria vocação específica – é chamado a sair de si, a transitar pelas periferias da existência, para estar presente nas circunstâncias em que o mundo parece desabar sobre as pessoas, onde a vida vacila e o indivíduo abandona-se ao desespero. Nessas periferias da existência, o cristão é chamado a ser luz e fonte de esperança.

Ninguém deseja viver nas periferias da existência. Todos preferem permanecer no centro, onde tudo está sob controle, onde tudo transcorre de modo repetitivo. Justamente a Igreja se sente chamada a fazer-se presente não só de modo superficial, mas com a vontade de enraizar-se, permanecer, transformar essa realidade. Por isso, é fundamental a dinâmica da encarnação, com todos os riscos que isso comporta.

Entretanto, a função da Igreja é ser mãe e mestra (*mater et magistra*), como indicou o Papa São João XXIII, ser fonte de consolação e de cura nessas situações periféricas. Justamente nas periferias da existência torna-se mais necessária do que nunca a linguagem da esperança, mas é também onde mais difícil se torna pronunciá-la devido à situação de vulnerabilidade em que se vive.

As periferias da existência são, também, aquelas que o filósofo e médico Karl Jaspers (1883-1969) definiu como *situações-limite (die Grenzsituationen)*: a dor, a doença, o insucesso, a perda do amor, a culpa, a desilusão, a morte própria e a morte de um ser amado. Quando alguém vive um desses sofrimentos, ele se abate, a sua existência fica complicada e produz-se uma ruptura dos papéis habituais, dos costumes cotidianos. Naquele momento ele precisa, mais do que nunca, da ajuda dos outros, de apoio incondicionado, de consolação sem pedir nada em troca, enfim, de um ‘hospital de primeiros socorros’ para curar as próprias feridas. A Igreja é chamada a ser um hospital de primeiros socorros que se instale, provisoriamente, onde estão as periferias da existência, para aliviar a dor, curar a alma e transmitir esperança.

Ninguém deseja encontrar-se nas periferias do mundo e, não obstante, o planeta está povoado de áreas de sofrimento. Justamente nesses lugares são mais necessárias do que em

qualquer outro a esperança e a consolação. A Igreja em saída que Jorge Mario Bergoglio promove tem uma dupla função. De um lado curar e aliviar as feridas, de outro transmitir a mensagem libertadora e de esperança do Evangelho. Essa é a chamada que viveram os fundadores dos institutos e movimentos eclesiais. Este mandato do Papa Francisco consiste, no fundo, no retorno às origens, mas através dos novos contextos do mundo atual.

Papa Francisco evidencia o fato de a Igreja não ser uma organização não governamental (ONG) de caráter assistencial. Está no mundo para irradiar Cristo, para comunicar a sua luz e a sua mensagem e, por isso, deve ser mãe e mestra, hospital de primeiros-socorros, mas também farol que transmite a esperança na ressurreição.

É tarefa das instituições educativas tornar conhecias essas periferias do mundo para que os cidadãos mais jovens vivam conscientes disso e não sucumbam à globalização da indiferença. É essencial lutar contra a ignorância, contra a delinquência e contra a marginalização com as armas da educação para evitar a reprodução de maiores periferias no mundo.

Todos nós, leigos, religiosos e presbíteros, somos chamados a ser e viver essa missão que é o caminho da santidade, um caminho que não é proibido a ninguém, que cada um pode percorrer na própria condição, com os próprios recursos, talentos e energias vitais, mas que só se pode levar a termo quando se é sustentado, em cada instante, por Deus.